

AMORIM NEWS

ANO 37 / NÚMERO 4

Um material para o milénio

Imaginava que carros, navios e comboios usam a cortiça como importante contributo para reduzir a pegada de carbono dos meios de transporte? Sabia que casas, empresas e edifícios públicos utilizam a cortiça como material isolante térmico, acústico e antivibrático? Tinha ideia de que era exequível brincar em sintonia com a Natureza, construir mitigando as alterações climáticas e explorar o espaço em maior segurança tendo sempre a cortiça como denominador comum? Acreditava que seria possível as rolhas de cortiça erradicarem o TCA (tricloroanisol) detetável? Concebia que os montados de sobre proporcionam benefícios à sociedade com um valor médio superior a 1300 €/hectare/ano? Provamos-lhe tudo nesta Amorim News.



-
- 3** Editorial
António Rios de Amorim
- 4** Corticeira Amorim emite 40 milhões de euros em Obrigações Verdes
- 5** Corticeira Amorim galardoada nos Prémios de Sustentabilidade da revista World Finance
- 6** A cortiça é um material “vivo”, cada pedaço é irrepetível e isso torna-o único e eternamente surpreendente
Guta Moura Guedes
- 9** Cortiça
Um material para o milénio
- 18** As tecnologias anti-TCA mais inovadoras, ecológicas e eficientes do mundo
Naturity e Xpür
- 21** ESG: investir com responsabilidade e propósito
Cristina Rios de Amorim
- 22** O futuro começa todos os dias
Homenagem a Américo Amorim
- 23** Traços de Gente



Quando em 1870 António Alves de Amorim ergueu uma fábrica de produção manual de rolhas de cortiça, em Vila Nova de Gaia, estaria certamente longe de imaginar que decorridos 150 anos aquele gesto empreendedor seria o embrião do maior grupo de transformação de cortiça do mundo.

Todavia, gerações sucessivas de colaboradores que sempre partilharam, defenderam e preservaram os valores da Corticeira Amorim tornaram viável essa extraordinária história repleta de desafios, obstáculos e conquistas. Conjugando trabalho e talento, combinando perseverança e engenho, conciliando conhecimento e técnica ininterruptamente na busca do sucesso.

Mas sobretudo unidos pela paixão que todos estimula: a cortiça. Um produto de características ímpares que até hoje nenhuma fórmula laboratorial conseguiu replicar: 100% natural, ecológico, renovável, reciclável e reutilizável. Um material leve, impermeável e hipoalergénico. Um recurso orgânico elástico e compressível, isolante térmico e acústico, impermeável, flutuante e resiliente. Uma matéria-prima inimitável capaz de gerar valor social, ambiental e económico, com altas credenciais de sustentabilidade, e aliada do equilíbrio climático.

Ora, perante tamanhos atributos, e observando os novos paradigmas de desenvolvimento sustentável, as crescentes preocupações verdes da sociedade e as inumeráveis utilizações possíveis dentro de um infindável conjunto de atividades, será fácil adivinhar a progressiva procura das diferentes indústrias por produtos, soluções e aplicações em e/ou com cortiça. Destacaria desde logo os laços umbilicais entre a rolha de cortiça e o vinho. Ano após ano ganhamos de modo consolidado quota de mercado aos intitulados vedantes plásticos, numa estratégia alicerçada na inovação, na performance e na sustentabilidade. Aliás, as recentemente apresentadas tecnologias Naturity e Xpür são espelho desse bem sucedido plano. Hoje todos os nossos segmentos de rolhas têm um desempenho de TCA não detetável,

cumprindo desta forma a promessa enunciada em meados de 2018.

Sublinharia depois o garantido aumento do uso da cortiça nas áreas da arquitetura, construção e design de interiores. Um posicionamento tanto mais sólido quanto mais sejamos capazes de enaltecer o seu visual apelativo, carácter sensorial e feição táctil, bem como o seu desempenho técnico que aporta bem-estar, conforto e longevidade. Finalmente, constituirá igualmente nossa prioridade investirmos tanto na conceção, criação e produção de novas aplicações, como na combinação da cortiça com outros materiais, reforçando aprendizagens, *know-how* e parcerias. Um método em que uma das basilares alavancas serão os princípios da economia circular. O intuito é alargar o portfólio de produtos, soluções e referências para além das hoje rendidas indústrias aeronáutica e aeroespacial, transportes, design, moda ou desporto.

Metas tanto melhor alcançadas quanto a nossa acelerada capacidade de continuarmos a absorver as práticas de ESG (*Environmental, Social, Governance*). Isto cientes de que nenhum futuro perdurará no tempo sem encarar os fatores ambientais, sociais e de governança como condições críticas de competitividade. De resto, a missão da Corticeira Amorim é taxativa: acrescentar valor à cortiça de forma competitiva, diferenciada e inovadora, em perfeita harmonia com a Natureza.

António Rios de Amorim
Presidente e CEO da Corticeira Amorim

ANO 37
NÚMERO 4
FEVEREIRO 2021

Sede
Rua Comendador Américo
Ferreira Amorim, nº 380
4536-902 Mozelos VFR
Portugal

Propriedade
Corticeira Amorim

Coordenação
Rafael Alves da Rocha

Redação
Editorialista
Inês Silva Dias

Opinião
António Rios Amorim

Edição
Corticeira Amorim

Projecto gráfico
Studio Eduardo Aires
Studio Dobra (paginação)

Tradução inglês
Sombra Chinesa

**Tradução Alemão,
Espanhol, Francês**
Expressão

Impressão e Acabamento
Lidergraf – Artes Gráficas,
S.A.

Distribuição
Iberomail Correio Interna-
cional, Lda

Embaladora
Porenvel Distribuição,
Comércio e Serviços, S.A.

Periodicidade
Trimestral

Tiragem
22.000 exemplares

Depósito Legal
386409/15

A Corticeira Amorim, S. G. P. S., S.A. compromete-se a proteger e a respeitar a sua privacidade. Poderá deixar de receber a Amorim News em qualquer altura. Para o efeito, envie-nos um email para press@amorim.com. Para mais informações sobre as nossas práticas de privacidade, bem como sobre o exercício dos seus direitos reais aos seus dados pessoais, consulte a nossa Política de Privacidade, disponível em www.amorim.com



Corticeira Amorim emite 40 milhões de euros em Obrigações Verdes

A Corticeira Amorim concretizou a sua primeira emissão de Obrigações Verdes. O empréstimo, no montante de 40 milhões de euros, destina-se a refinar um conjunto diversificado de investimentos verdes realizados em 2017, 2018, 2019 e 1º semestre de 2020 por oito empresas das cinco Unidades de Negócios do Grupo Corticeira Amorim. A organização, montagem e garantia de subscrição foi assegurada pelo Banco BPI, que também assumiu o serviço de agente pagador, naquela que foi a primeira emissão de Obrigações Verdes da empresa líder mundial do setor da cortiça. “Um testemunho do nosso compromisso com a sustentabilidade”, realça António Rios Amorim. “Não um compromisso novo – esta emissão refinanciará investimentos realizados de 2017 até ao final do primeiro semestre de 2020 – mas um envolvimento estratégico e financeiro já

materializado que, estimamos, proporcionará um impacto ambiental positivo, contribuindo para a concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. Ora, sendo desde sempre um pilar fundamental da nossa atividade, e que acompanha toda a nossa cadeia de valor, o *sustainability link* assume agora também uma função central na nossa estratégia de financiamento – um segmento a que acedemos porque incorporamos esta visão na nossa estratégia e tomada de decisão”, conclui o Presidente e CEO da Corticeira Amorim. A Sustainalytics (empresa especializada em *research, ratings* e informação ESG) procedeu à revisão dos referidos investimentos e emissão da respetiva *Second Party Opinion*, confirmando o seu alinhamento com os *Green Bond Principles* (versão Junho 2018) da ICMA – International Capital Markets Association.

Corticeira Amorim galardoada nos Prémios de Sustentabilidade da revista World Finance

A Corticeira Amorim foi a grande vencedora da categoria “Wine products industry” dos Prémios de Sustentabilidade da revista World Finance. Distinguida pelo segundo ano consecutivo, a Corticeira Amorim é, assim, reconhecida pelos princípios e práticas de desenvolvimento sustentável implementados ao longo de toda a sua cadeia de operações., dando origem a um vasto portfólio de produtos e soluções de superior *performancetécnica* e credenciais de sustentabilidade sem paralelo. Através dos Prémios de Sustentabilidade são premiadas empresas que demonstraram um compromisso assinalável com o desenvolvimento sustentável, destacando-se aqueles que,

como refere a World Finance, “fizeram um esforço extra para integrar valores financeiros, sociais e de governança (ESG) em diferentes áreas do negócio. “ Ainda de acordo com a World Finance, a Corticeira Amorim “foi premiada pelo seu compromisso de longa data com a produção de relatórios de âmbito ambiental, social, de governação e de Investidores Socialmente Responsáveis, pelo seu alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, a sua gerência responsável da oferta, a sua certificação pela FSC e o seu compromisso contínuo com investigação e desenvolvimento. O júri internacional levou em consideração os esforços de investimento

na silvicultura sustentável através da preservação da terra e a biodiversidade com a colheita cíclica da cortiça sem danificar as árvores, além de cuidarem do bem-estar dos trabalhadores.” “A Corticeira Amorim é reconhecida pela análise dos impactos ambientais dos seus produtos, comparando o ciclo de vida das rolhas de cortiça com o das *screwcaps* de alumínio e o dos vedantes de plástico, o que destaca o esforço da Corticeira Amorim em coordenar os seus processos de produção com ciclos ambientais naturais e a promoção da economia circular. “





A cortiça é um material “vivo”, cada pedaço é irrepeditível e isso torna-o único e eternamente surpreendente

Guta Moura Guedes, co-fundadora da Experimenta Design, é a personalidade portuguesa mais reconhecida no panorama do design internacional, com um percurso ativo, e intenso, como curadora, diretora criativa, estratega e pensadora. Com a cortiça, um material que conhece de perto e por dentro – através dos projetos Metamorphosis, Materia e agora CityCortex – tem uma relação especial, tão emocional quanto intelectual. Acredita que este material “flexível, adaptável e resiliente” tem ainda muito para dar, e o futuro passa pelo contributo de todos, através da ideia de *user innovation*.

Qual é a sua primeira memória/experiência da cortiça?

A primeira é, eventualmente, muito normal para alguém de nacionalidade portuguesa, principalmente para quem gosta da natureza como eu. O contato direto com os sobreiros faz parte das minhas memórias de miúda - o perceber que a cortiça vem daí, de a ver ainda na árvore e depois, às vezes, de a encontrar solta, pelos campos. Mais adulta, há uma memória que me marca imenso e que mudou a minha percepção deste material relativamente à sua aplicação na área da arquitetura. Foi uma visita a uma casa no Lago Maggiore, na Suíça, desenhada pelo arquiteto americano Marcel Breuer nos anos 60. A casa é toda em pedra, vidro e madeira, algo que se percebe do exterior. Mas quando entrei lá dentro a atmosfera da casa era distinta do que eu estava à espera, diferente, com um som e aroma únicos, confortável e calorosa. Quando olhei para o teto, percebi que Breuer o tinha revestido com mosaicos regulares, espessos, feitos 100% de cortiça natural, escura. Essa opção modificou toda a casa em imensas dimensões, para muito melhor, algo que nunca mais me esqueci.

O que torna este material tão especial?

Primeiro o facto de ser natural e sustentável – uma prioridade absoluta para toda a humanidade. Depois a sua textura, suave aroma, conforto e a sua capacidade de mudar de forma através da compressão, de repelir a água, de proteger. Estamos a falar de um material que um tipo específico de árvore, o sobreiro, produz para se proteger, para se tornar mais resistente. E do facto de o podermos utilizar sem que isso prejudique a árvore, pelo contrário. Isso é maravilhoso.

Que características da cortiça salientaria como centrais para o design e a arquitetura contemporâneos?

Todas. Desde a impermeabilidade e o isolamento térmico e acústico à sua resistência ao fogo, a temperaturas elevadas e à fricção. A sua elasticidade, compressibilidade e resiliência. O facto de ser hipoalérgica, confortável e suave ao toque. Repare, é uma lista de características imensa, todas importantes para o exercício do design de equipamento e de produto e da arquitetura. Estamos no século da sustentabilidade e da mobilidade, no século em que somos obrigados a desenhar artefactos, edifícios e cidades flexíveis, adaptáveis, resilientes, confortáveis, que interajam emocional e intelectualmente com o nosso corpo. A cortiça, enquanto material, traz-nos essas dimensões para a cultura de projecto.

Primeiro MATERIA, depois Metamorphosis e agora City Cortex. São projetos marcantes, de envolvimento e proximidade com a cortiça. Depois destas experiências, a cortiça ainda a surpreende?

Ainda me surpreende o impacto físico que tem sobre mim. Consigo sentir quando a cortiça está presente num local, quando está a ser usada. Impressiona-me imenso, isso. Os projetos que menciona, primeiro o Metamorphosis, depois a MATERIA foram, penso eu, verdadeiras alavancas para um uso inovador da cortiça e despertaram a atenção de milhares de criativos pelo mundo fora sobre este material. Lembro-me bem do dia em que o CEO da Corticeira Amorim, António Amorim, foi ter comigo em 2006 à Casa da Música, onde eu era Directora de Design Estratégico e Comunicação, e me desafiou a pensar em como explorar o potencial deste material que, na altura, poucos arquitetos e designers usavam. E quão fiquei surpreendida quando aprendi tudo sobre a cortiça. O City Cortex, que vai ser apresentado em 2021 em Nova Iorque, vai levá-la para

contextos urbanos e vai aproximá-la das pessoas, de formas muito estimulantes e positivas. Tenho estado a acompanhar o desenvolvimento destes novos projectos e, sim, também neles me surpreende a forma como a cortiça está a responder à imaginação dos arquitetos e designers. A cortiça é um material “vivo”, cada pedaço é irrepetível e isso torna-o único e eternamente surpreendente.

A sustentabilidade é sem dúvida uma questão crítica, absolutamente estratégica e transversal. Neste contexto, como é que a cortiça faz a diferença, em relação a outros materiais/opções?

A cortiça é um material sustentável que não é artificialmente produzido pelo ser humano, não depende de um processo de criação industrial para acontecer. Está aliada a um sistema que é por si só renovável, reciclável e reutilizável, sendo por isso verdadeiramente amigo do ambiente. Os montados - florestas de carvalhos, azinheiras, castanheiros e sobreiros - contribuem activamente para o equilíbrio do ecossistema mediterrânico, são um dos 36 hotspots mundiais de biodiversidade, onde mais de 200 espécies de fauna e 135 de flora encontram as condições ideais para a sua sobrevivência neste *habitat*, contribuindo para combater os problemas climáticos ativamente. Tudo isto faz uma enorme diferença.

A cortiça está profundamente ligada à identidade portuguesa. Mas é também um material com um potencial incrível, à escala global. Como se faz essa ponte?

É excelente um material fazer parte da identidade de um país. Neste caso, cortiça e Portugal são um binómio inseparável. Mas é ainda mais extraordinário poder expandir essa identidade à escala global. E é o que se está a fazer, desde os primórdios da utilização da cortiça em rolas até agora em revestimentos, naves espaciais e objetos do quotidiano. Essa ponte faz-se porque o material em si e a forma como a nossa indústria o desenvolveu confirmaram o seu potencial enquanto material de eleição para a sociedade em geral, para a humanidade. Nascemos em sítios diferentes, somos todos indivíduos com características únicas, mas em inúmeras frentes somos todos iguais. Em todos os sítios do mundo procuramos segurança, conforto, flexibilidade, bem estar físico e mental, resiliência. E a cortiça ajuda a providenciar isso. Quando bem desenhada e usada, claro.

Que aplicações da cortiça lhe parecem mais notáveis e porquê?

Não posso deixar de começar pelo princípio, que é a rola. Tão simples, tão eficaz, tão positiva para o líquido que protege. Um vinho só é um bom vinho com uma rola de cortiça, na minha opinião. Confesso que tenho particular apreço pelas utilizações da cortiça em espaços privados ou públicos quando esta contribui para a melhoria das suas condições acústicas e da sua temperatura; quando esta é usada em pequenos objetos que substituem equipamentos ou objetos de plástico ou de outros materiais menos sustentáveis; confesso também, embora não possa dar detalhes, que o que estamos a desenvolver com o City Cortex trará algumas novas e notáveis aplicações para as cidades, onde precisamos de tanta qualidade na área dos espaços urbanos públicos ou semi-públicos.

Como se pode expandir o potencial da cortiça?

A Corticeira Amorim tem feito um trabalho ímpar no desenvolvimento de várias e novas soluções em que a cortiça é utilizada. Tem convidado alguns dos maiores criativos e investigadores do mundo para com eles expandir as conquistas industriais que tem efectuado. Essa dinâmica vai seguramente continuar mas algo de maravilhoso vai acontecer, com mais expressão, dentro de muito pouco tempo, alicerçado na ideia de *user innovation*. Ou seja, quanto mais próxima e conhecida de todos a cortiça se tornar, quantos mais souberem sobre o seu valor e características, mais inovação vamos ter. Vinda das áreas menos esperadas, através do real contributo dos utilizadores, que têm em si, uma tremenda capacidade criativa. O facto de o mundo em geral estar finalmente consciente da necessidade da sustentabilidade vai levar a que as pessoas em geral prestem mais atenção aos materiais sustentáveis. E o *do it yourself* vai contribuir para expandir o uso deste material único, que tanto tem ainda para nos dar.

A close-up photograph of cork bark, showing its characteristic porous, fibrous texture in shades of brown and tan. The lighting creates soft shadows and highlights, emphasizing the natural grain of the material.

Cortiça

UM MATERIAL PARA O MILÉNIO

O futuro acontece hoje. Na Corticeira Amorim, é um verbo que se conjuga no presente. No centro, a cortiça, um material natural, completamente sustentável, que graças às suas características únicas faz a ponte entre o mundo de hoje e o mundo de amanhã. Entre aquilo que temos e conhecemos, e aquilo que desejamos e imaginamos. Da floresta, onde tudo começa, às cidades onde construímos um futuro com impacto positivo em comunidade. Do conforto das nossas casas, à mobilidade que nos permite estar conectados, comunicar e crescer. Do universo contido numa rolha com 800 milhões de células, ao espaço sem fim. O futuro da cortiça acontece aqui e agora. Abre-se, expande-se, renova-se e surpreende. Retrato presente de um material para o milénio.



City Cortex: as smart cities também são de cortiça

A questão é urgente: que cidades queremos para o futuro? E que contributo poderá ter a cortiça, um dos materiais mais versáteis e sustentáveis da natureza, na concretização dessa nova realidade? A Corticeira Amorim desafiou alguns dos melhores designers e arquitetos do mundo a refletir sobre o assunto e a apresentar propostas, num projeto disruptivo com curadoria da *experimentadesign*. City Cortex explora as interseções entre a cortiça e os contextos urbanos, e como o próprio futuro, está a acontecer agora.

Depois de meses de trabalho, estava previsto que City Cortex fosse apresentado no verão de 2020, numa das maiores metrópoles do mundo: Nova Iorque. A pandemia, que provocou o adiamento de megaeventos internacionais, como os Jogos Olímpicos (algo que já não acontecia desse 1944), impediu que tal acontecesse, mas não deteve um projeto em ebulição, espalhado por vários pontos do planeta e protagonizado por algumas das mentes mais brilhantes do *design* e da arquitetura, com um objetivo comum: repensar as cidades do futuro com a ajuda da cortiça. São cinco estúdios consagrados que, no

âmbito de City Cortex, estão a criar peças de equipamento urbano de utilização pública para a cidade de Nova Iorque, recorrendo a cortiça portuguesa. Diller Scofidio + Renfro, Gabriel Calatrava, Leong Leong, Sagmeister & Walsh e Philippe Starck começaram por conhecer o Montado, e visitar as instalações da Corticeira Amorim para uma primeira aproximação a um material tão incrível que para muitos é visto como a tecnologia natural do futuro. Num processo contínuo de interrogação e descoberta, estão agora a responder ao estímulo da cortiça sobre a sua imaginação e criatividade. Cada um deles parte da cortiça para

desenvolver novas aplicações para as cidades, soluções pensadas e desenhadas para melhorar a vivência e a qualidade de vida das pessoas, em espaços urbanos públicos e semi-públicos. City Cortex é um projeto de investigação, mas também de concretização: a ideia é levar a cortiça, um material que nasce na floresta (e que permite preservar e proteger essa floresta) para o coração das cidades, aproximá-la das pessoas através de contextos, aplicações e escalas diferentes, onde pode trazer uma nova dimensão.



Corkeen: brincar em sintonia com a Natureza

Diretamente inspirado na Natureza, Corkeen é um sistema revolucionário para pisos de espaço de jogo, lazer e recreio, que marca um antes e um depois na maneira como desfrutamos dos espaços públicos nas cidades. Segurança, acessibilidade e sustentabilidade são as palavras-chave de uma solução inovadora que, depois do sucesso no Norte da Europa, é instalada no Parque de Monsanto, em Lisboa.

Comunidade, natureza e planeta. São bandeiras muito sérias que a solução Corkeen, desenvolvida pela Corkeen Europe, empresa detida pela Corticeira Amorim, defende com convicção. Desenvolvida de acordo com os princípios da economia circular, Corkeen é uma solução revolucionária de superfícies amortecedoras de impacto para espaços de jogo, lazer e recreio. Produzido com cortiça, uma matéria-prima 100% natural, reciclável e renovável, o inovador piso Corkeen alia credenciais de segurança, acessibilidade e sustentabilidade. Leve, inodoro e hipoalergénico, Corkeen resulta do pleno aproveitamento de

desperdícios da indústria da cortiça, a energia para a sua produção provém do uso de biomassa (pó de cortiça) e no final do ciclo de vida todos os materiais serão reutilizáveis. Instalado *in situ* como um sistema de duas camadas (uma camada base de absorção de choques mais uma camada superior à prova de desgaste), o que permite preservar as suas características únicas mesmo após anos de utilização, o Corkeen possui uma excelente capacidade de drenagem, e consegue baixar a temperatura da superfície em mais de 20% quando comparado com outras soluções sintéticas. À prova de intempéries, de fácil manutenção e imputrescível, ignífugo e

elástico, o Corkeen reduz igualmente a propagação de microplásticos. Todos estes atributos, que decorrem naturalmente das características intrínsecas da cortiça, seriam suficientes para convencer tanto projetistas como pais preocupados com a segurança e o bem-estar dos seus filhos. As crianças merecem um planeta melhor, mais seguro e mais saudável. E isso passa por brincar em sintonia com a natureza, criando comunidades e respeitando o planeta. As propriedades da cortiça conferem ao Corkeen um conjunto de mais-valias exclusivas no mercado dos parques infantis. É um sistema seguro, onde as crianças podem andar descalças, o impacto das quedas é absorvido, e estão livres da irradiação de quaisquer substâncias nocivas para a saúde. Depois do sucesso de mais de 100 projetos concretizados no norte da Europa, nomeadamente na Suécia e na Noruega, o Corkeen chega finalmente a Portugal, ao Parque Infantil do Centro de Interpretação do Monsanto, também conhecido por Espaço Monsanto. A instalação da obra no espaço, a cargo da FL Gaspar, Brand Master Corkeen, integra o programa Lisboa Capital Verde Europeia 2020.





Mazda MX-30: mobilidade verde

No futuro, a mobilidade será inteiramente verde. E a cortiça, enquanto matéria-prima sustentável por natureza com características físicas e mecânicas únicas, tem um papel central nesta revolução. Projetos como o novo automóvel elétrico Mazda MX-30, que incorpora cortiça Amorim no seu interior, são disso exemplo.

Pensar as cidades do futuro, com todos os seus desafios, é pensar numa mobilidade verde, com o mínimo impacto e a máxima liberdade e acessibilidade. Há muito que o papel dos meios de transporte deixou de ser simplesmente levar passageiros ou mercadorias do ponto A ao ponto B. Isso seria demasiado fácil. A mobilidade é hoje entendida como a capacidade de deslocação de forma fácil e livre. E eficiente também. Por isso, os projetos de mobilidade do futuro têm de ser sustentáveis, acessíveis, seguros e eficientes. E é aqui que a cortiça entra, como aliado de referência nos projetos de mobilidade mais vanguardistas do momento que vivemos, desenhados para o futuro. Dos automóveis elétricos (como é o caso do novo Mazda MX-30), aos comboios inteligentes e navios verdes cruzando os oceanos, a cortiça dá um importante contributo para reduzir significativamente a pegada de carbono dos meios de transporte em que é incorporada, de forma visível ou invisível. Enquanto matéria-prima natural, sustentável, biodegradável e reciclável, a cortiça tem sido um dos materiais mais procurados e incorporados em projetos

de mobilidade. Isso deve-se ao facto de esta indústria ter requisitos cada vez mais exigentes para a redução de CO₂, começando pela escolha dos materiais que utilizam. Há muito que a cortiça é utilizada nas partes menos visíveis dos meios de transporte: na montagem e selagem de baterias elétricas, nos painéis para partes estruturais de qualquer meio de transporte, etc. Mas agora ganha visibilidade também no exterior, das cabines dos automóveis aos *decks* de navios de passageiros. As características naturais da cortiça como a leveza, a elasticidade e a resistência ao fogo, tornam este material uma solução com uma proposta de valor única. Em projetos onde o aspeto visual também é crítico, como é o caso do automóvel da Mazda, a cortiça revela-se uma escolha com grandes vantagens, nomeadamente por se tratar de um material muito resiliente, compressível e com uma resistência ao atrito única, garantindo durabilidade. Quando combinados, cada um destes atributos proporciona uma sensação de bem-estar, beleza natural, e comodidade no interior do carro.



Presidência Portuguesa da União Europeia: consciência ecológica

A cortiça foi o material escolhido para o piso da sala Sophia de Mello Breyner Andresen, no Centro Cultural de Belém, onde decorrerão parte das reuniões da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia. Aliando beleza, sustentabilidade, conforto e qualidade, a cortiça portuguesa é o material perfeito para criar bom ambiente.

A sustentabilidade é uma prática diária e começa nos espaços que escolhemos para viver e trabalhar. Nos interiores que habitamos, nos espaços de trabalho, ou nos cenários de grandes acontecimentos, procuramos cada vez mais soluções ecológicas, e nesse sentido a escolha de pavimentos de cortiça, eficientes, sustentáveis e inteligentes revela-se a aposta certa. É assim no Centro Cultural de Belém (CCB), que até 30 de junho será a sede da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia. Portugal recebe os seus parceiros europeus mostrando o que de melhor se faz por aqui, e a cortiça não podia deixar de estar presente. É na sala Sophia de Mello Breyner Andresen, localizada no 2º piso do edifício e usufruindo de uma magnífica vista sobre o Tejo, que a cortiça mostra a sua forte identidade e todo o seu

valor. Ao todo, são 425m² de pavimento Amorim Wise, da coleção Cork Pure, oferecendo enormes benefícios em termos de saúde e bem-estar, tais como isolamento térmico e acústico, melhoria da qualidade do ar e conforto ao caminhar. Este é apenas um exemplo de uma tendência cada vez mais acentuada, na arquitetura e no *design* de interiores, a de fazermos escolhas baseadas numa maior consciência ambiental. É impossível saber como serão as casas do futuro, mas uma coisa é certa: refletirão com certeza uma maior consciência ambiental, uma preocupação que se estende a todo o espaço que habitamos, da arquitetura estrutural ao chão que pisamos. No mundo digital em que vivemos, *millennials* e *generations* valorizam cada vez mais o natural. As novas gerações são muito focadas nas novas

tecnologias, mas simultaneamente têm uma forte consciência ambiental. Esta dualidade vai refletir-se também nas casas do futuro – mais eficientes, inteligentes, mas sobretudo pensadas e projetadas com produtos e soluções sustentáveis em todos os aspetos – desde as matérias-primas com que são feitas, ao processo produtivo e, claro, ao resultado final e ao impacto que esses produtos têm no meio ambiente.

Enquanto matéria-prima totalmente natural, obtida de forma sustentável, a cortiça irá certamente ter um papel primordial na escolha de consumidores, projetistas e fabricantes. Isso já está a acontecer, mas num futuro em que a consciência verde vai ser cada vez mais central, sob pena de deixarmos de ter futuro, a relevância da cortiça será ainda mais clara. A começar pelo facto de que nenhum outro produto manufacturado consegue proporcionar os benefícios deste material e simultaneamente posicionar-se como um produto “estrela” em termos ambientais – a cortiça é obtida sem cortar ou danificar o sobreiro, regenera-se após cada extração e ainda desempenha um papel fundamental no delicado ecossistema em que se insere.



Evaporcork: um futuro em construção

As cidades do futuro precisam de soluções de construção inovadoras, e o Evaporcork, o novo sistema de arrefecimento passivo de fachadas desenvolvido pela Amorim Isolamentos em parceria com o IteCons, utiliza a cortiça para mitigar o efeito da ilha de calor urbano.

A crise climática está aí e os efeitos desastrosos do aquecimento global não são, infelizmente, uma previsão, mas uma realidade. Os contextos urbanos, onde habita a maior parte da população mundial, sofrem uma pressão enorme, e os impactos das alterações climáticas levam, entre outros aspetos, a um aumento das necessidades de arrefecimento dos edifícios. É assim que surge o Evaporcork, um projeto inovador desenvolvido pela Amorim Isolamentos em parceria com o IteCons, visando a conceção de um sistema evaporativo passivo, capaz de promover o arrefecimento de fachadas revestidas com Aglomerado de Cortiça Expandida. A solução parte de uma ideia muito simples: uma forma de reduzir a formação da ilha de calor urbano consiste na melhoria das propriedades dos materiais de superfície

dos edifícios, e aí a cortiça pode fazer toda a diferença. Para além do sistema evaporativo propriamente dito, o Evaporcork incorpora ainda outros aspetos diferenciadores muito valorizados, tais como a conceção de um sistema de irrigação automatizado para humedecimento/molhagem do Aglomerado de Cortiça Expandida, a incorporação de um sistema de recolha de águas pluviais, e a possibilidade de integrar sensores com vista à deteção e mitigação do desenvolvimento de incêndios. O sistema será concebido de forma modular e personalizável, adotando técnicas de pré-fabricação e permitindo uma variedade de configurações e cenários de aplicação. Com estas características, e respondendo às necessidades do mercado, espera-se que o Evaporcork seja adotado em todo o mundo, mas em especial em

regiões onde o clima é mais quente e seco, e o fenómeno da ilha de calor urbano mais crítico. Os protótipos construídos encontram-se, nesta fase do projeto, a ser monitorizados em termos de sequestro de carbono, perfil de temperatura e efeito no ar envolvente, sendo já possível antecipar a mais valia do sistema.



João Alves

Os montados de sobro proporcionam benefícios à sociedade com um valor médio superior a 1300 €/ha por ano.

Nos últimos anos, a EY desenvolveu para a Corticeira Amorim diversos estudos com vista à avaliação dos impactos ambientais, sociais e económicos da empresa. Enquadrados na estratégia de sustentabilidade do grupo, assente nos três pilares ESG (*Environment, Social and Governance*), estes estudos incluíram uma importante avaliação dos serviços do ecossistema do montado, e permitiram calcular as pegadas ambientais de diversos produtos. João Alves, Managing Director da EY em Portugal, Angola e Moçambique, acompanhou de muito perto os estudos, e destaca as suas principais conclusões, assim como a importância da quantificação como base da valorização.

Qual a importância da avaliação dos serviços dos ecossistemas para reforçar a perceção e o interesse público relativamente à conservação dos ecossistemas e da biodiversidade?

O conceito dos serviços dos ecossistemas, que pode ser definido como os contributos da natureza para o bem-estar das pessoas, tem sido determinante no aumento da perceção pública relativa à importância da conservação dos ecossistemas e da biodiversidade. Este conceito introduz uma perspetiva em que os ecossistemas e a biodiversidade são parte de um capital, que é natural, responsável pelo fornecimento de múltiplos bens materiais ou experiências essenciais para a qualidade de vida da sociedade. Esta narrativa realça a dependência do ser humano relativamente à sustentabilidade deste capital natural, como imperativo para a sua própria sobrevivência como espécie a longo prazo. Um exemplo emblemático destes serviços é a regulação climática por via do sequestro de carbono das florestas, um contributo essencial da natureza para mitigar os impactos das alterações climáticas e para atingir a neutralidade carbónica em 2050. Entre muitos outros, encontram-se também os serviços de

regulação hidrológica, de prevenção de eventos extremos como cheias e incêndios, a polinização realizada pelas abelhas às culturas agrícolas, até ao potencial para recreio de experiências na natureza como o ecoturismo, que demonstram os benefícios diretos e indiretos que a sociedade pode retirar dos ecossistemas. A avaliação destes serviços é assim fundamental para tornar tangível o valor representado pela conservação dos ecossistemas e da biodiversidade nos ciclos económicos, permitindo maximizar cada vez mais a sua integração nos quadros de gestão e tomada de decisão a nível territorial. Esta tendência tem sido registada ao nível da União Europeia, através do compromisso dos seus Estados-membros de mapearem e avaliarem a condição dos ecossistemas e serviços por eles prestados, assim como avaliar o respetivo valor económico associado aos benefícios deles retirados, de modo a integrar estes fluxos nos sistemas nacionais contabilísticos e de reporte. Este contexto reforça assim a necessidade das empresas alinharem as suas políticas e estratégias de sustentabilidade com esta agenda, como se verificou de forma mais premente em 2020 por diversas empresas (e.g.: ao inscreverem a iniciativa Act4Nature).

Qual a importância da quantificação destes serviços?

A quantificação dos serviços dos ecossistemas é, em primeiro lugar, importante para compreender a complexa interação dos processos biológicos e ecológicos que resultam no fornecimento de um serviço, e no fundo fornecer as bases para o gestor do território intervir no sistema, no sentido de maximizar o fornecimento dos serviços dos ecossistemas de forma sustentável. Numa segunda dimensão, a quantificação é a base da valorização, fundamental para informar a integração do valor dos serviços dos ecossistemas nos sistemas contabilísticos, na avaliação de impactos em projetos, ou no desenvolvimento de instrumentos económicos como os programas de remuneração dos serviços dos ecossistemas (atribuídos aos proprietários que optem por uma gestão florestal e rural compatível com o fornecimento de serviços de valor ecológico e monetário).

Do ponto de vista de uma empresa, a quantificação e a valorização dos seus impactos diretos e indiretos nos ecossistemas e seus serviços, assim como a

avaliação do risco da sua dependência ao capital natural, é crucial para compreender verdadeiramente a extensão da pegada das atividades e operações associadas à sua cadeia valor na degradação ou preservação dos ecossistemas e da biodiversidade.

Quais foram essas metodologias e porquê a escolha?

No estudo desenvolvido pela EY, *The value of cork oak montado ecosystem services*, a avaliação dos serviços dos ecossistemas teve como base o recurso a metodologias de mapeamento e quantificação de serviços através de sistemas de informação geográfica, cartografia e inventários florestais fornecidos por quatro casos de estudo. Nesta avaliação, três serviços foram monetizados: regulação climática; regulação de eventos extremos; prevenção de incêndios, regulação hidrológica e proteção do solo. A valorização teve em conta o método dos custos evitados, i.e., o custo social para a sociedade em remediar os danos ambientais associados à ausência do serviço do ecossistema. Por exemplo, os custos sociais relacionados com as emissões de gases com efeito de estufa são um resultado dos danos causados às culturas agrícolas, cuidados médicos associados às vagas de calor e secas, assim como os danos causados pelas inundações e subida do nível do mar. Considerando o serviço de regulação climática, a consideração de um custo social do carbono (€/tonelada de CO₂eq emitido), permite assim estimar o valor monetário associado a este serviço do ecossistema.

A que conclusões chegaram?

O estudo desenvolvido pela EY concluiu, com base nos casos de estudo selecionados, que os montados de sobro proporcionam benefícios à sociedade com um valor médio superior a 1300 €/ha por ano. Ainda assim, o valor dos serviços totais quantificados é uma subestimativa do valor total dos serviços do ecossistema montado. Este ecossistema tem um papel essencial na manutenção da biodiversidade e dos *habitats*, responsáveis por funções ecológicas de valor inestimável, sendo que algumas ainda não são totalmente compreendidas pela humanidade. Existe ainda um complexo de benefícios gerados para a sociedade que vão desde os serviços de provisão, regulação ou ainda serviços culturais. Estes serviços são avaliados no estudo através de informação qualitativa

e quantitativa de modo a fornecer um conjunto de informação útil sobre a dimensão dos contributos identificados.

O que é que este trabalho pode trazer para o futuro?

Este trabalho permite demonstrar o valor associado ao montado, que vai muito além da sua importância paisagística, que faz parte da identidade cultural de Portugal e do Mediterrâneo, e das múltiplas aplicações da cortiça em diversos sectores. Demonstra aos diversos *stakeholders* do setor da cortiça e dos seus produtos, os benefícios sociais associados a uma boa gestão do montado, podendo servir como catalisador de adoção de práticas de gestão que compatibilizem exploração com conservação no restante território português. São igualmente um bom exemplo de como as empresas podem beneficiar do conhecimento sobre os seus impactos e dependências do capital natural, quer em termos reputacionais, quer através da demonstração do seu contributo para atingir objetivos de política pública em matéria de conservação da biodiversidade e serviços dos ecossistemas.

As tecnologias anti-TCA mais inovadoras, ecológicas e eficientes do mundo

É a concretização de uma promessa há muito desejada. Com as tecnologias Naturity e Xpür, a Corticeira Amorim estende o desempenho de TCA não detetável quer a rolhas naturais, quer a rolhas técnicas de cortiça. As tecnologias anti-TCA mais inovadoras, ecológicas e eficientes do mundo redefinem o futuro da indústria.



Depois de robustos investimentos financeiros, aturada Investigação & Desenvolvimento e resiliência, dedicação e tempo, a Corticeira Amorim começa a nova década com a sensação de dever cumprido. Na verdade, a empresa acaba de lançar no mercado mundial a Naturity e a Xpür, tecnologias desenvolvidas para remover o TCA detetável das rolhas naturais de cortiça e das rolhas microaglomeradas, respetivamente. Vistas como as mais inovadoras, eficientes e ecológicas tecnologias anti-TCA até hoje conhecidas, a Naturity e a Xpür representam também o cumprimento da promessa anunciada pela empresa em meados de 2018: um desempenho de TCA não detetável quer de rolhas naturais, quer de rolhas técnicas de cortiça até ao final do ano de 2020.

A investigação para desenvolver a tecnologia Naturity iniciou-se em 2016 com a NOVA School of Science and Technology. Ainda com patente pendente, a Naturity baseia-se nos princípios da dessorção térmica através de uma utilização exclusiva e não sequencial de pressão, temperatura, água purificada e tempo. Sublinhe-se que nenhum elemento artificial é usado no processo, o que facilita a



extração de mais de 150 compostos voláteis, incluindo o TCA. Lançada a nível mundial, a Naturity expande o desempenho de TCA não detetável no segmento de produtos de cortiça natural, ao mesmo tempo que reforça os resultados operacionais da NDtech, o serviço de rastreio avançado que analisa e remove individualmente do processo de produção qualquer rolha de cortiça natural com mais de 0,5 nanogramas por litro (ng/L) de TCA.*

Exaustivos ensaios de engarrafamento, que envolveram inúmeros produtores de vinho, produziram resultados exemplares em termos da medição do impacto do tratamento no desempenho da cortiça. Sendo que ensaios adicionais de validação de terceiros serão efetuados o mais rapidamente possível com o Instituto Geisenheim, na Alemanha, e os laboratórios Campden & Chorleywood, no Reino Unido. O outro marco revolucionário anunciado pela Corticeira Amorim é a Xpür, tecnologia desenvolvida para expandir o desempenho de TCA não detetável para rolhas microaglomeradas. A Xpür aprimora a aplicação convencional desenvolvida há várias décadas de CO₂ supercrítico, atualizando, reformulando e reestruturado o conceito

com tecnologia do século XXI. A inovadora abordagem da Corticeira Amorim usando este sistema utiliza apenas 25% da energia e somente 10% do CO₂ anteriormente necessário.

Além disso, a Xpür consegue resultados de níveis de redução de TCA para 0,3 nanogramas por litro (ng/L) em rolhas microaglomeradas tratadas, deixando assim intactas as propriedades físico-mecânicas da cortiça. O que significa que a gama de rolhas microaglomeradas da Corticeira Amorim apresenta a maior percentagem possível de cortiça, e não necessita de soluções químicas adicionais para manter as propriedades naturais da cortiça, nomeadamente, as importantíssimas taxas de compressibilidade e expansão. A tecnologia Xpür será utilizada no tratamento das rolhas técnicas Neutrocork Premium e QORK – esta última empregando um ligante inovador, feito exclusivamente com polióis de origem vegetal, e assim esperando poder conseguir uma redução de vários milhões de unidades na quantidade de rolhas plásticas descartáveis no mundo.

Referindo-se a esta data histórica, António Rios Amorim, Presidente e CEO da Corticeira Amorim, sublinha que “estas

tecnologias resultam de robustos investimentos financeiros, tempo e dedicação em I&D por parte da nossa equipa. Apesar dos obstáculos que 2020 colocou no caminho de todos, conseguimos cumprir a promessa feita de que vamos conseguir um desempenho de TCA não detetável em todos os segmentos de rolhas de cortiça até ao final do ano. Este é o nosso compromisso para com os nossos 30 000 clientes em todo o mundo – para garantir a qualidade e consistência dos seus produtos e assegurar que a preferência dos consumidores pela cortiça só possa ficar mais forte.”

**o teor de TCA libertável igual ou inferior ao limite de quantificação de 0,5 ng/L, numa análise efetuada de acordo com a norma ISO 20752*

ESG: investir com responsabilidade e propósito

A consideração, na tomada de decisões de investimento, de fatores ambientais, sociais e de governo societário, para além dos tradicionais fatores financeiros, é comumente designada por ESG, termo que decorre de E – *Environmental*, S – *Social* e G – *Governance*.

Os fatores ESG têm vindo a assumir uma crescente relevância para as empresas e os seus acionistas, alterando de forma estrutural e duradoura a forma como as empresas definem o seu propósito, a sua estratégia e a sua ação, por um lado; e, por outro, a forma como a comunidade – investidores, acionistas, trabalhadores e demais *stakeholders*, avaliam e ajuízam a empresa. A inclusão da componente de governo societário na análise de investimentos evoluiu consideravelmente nas últimas décadas e, de uma forma geral, as empresas são hoje bastante transparentes na disponibilização de informação relevante, pelo que a robustez, ou pelo contrário, a fragilidade dos modelos societários são bem percebidos pelos investidores.

A consideração de fatores sociais e ambientais, no entanto, tem evoluído mais lentamente, sendo, durante muito tempo, percecionados como elementos qualitativos e intangíveis e, como tal, de difícil mensuração. Ainda que mais recentemente, o refinamento na sua identificação e análise e o aumento do reporte por parte das empresas tenham resultado num aumento da informação quantificável, o processo da sua incorporação nas decisões de investimento está ainda em forte evolução.

A aceleração recente desta nova dinâmica beneficiou decisivamente do aumento significativo de produtos de investimento focados em métricas ESG, da evidência de que a incorporação de fatores ESG se traduzem num melhor desempenho global

das empresas, mais sustentável a médio/ longo prazo, e da consciencialização de que as questões ambientais e sociais podem reduzir o valor de uma empresa (inúmeros exemplos ilustram as perdas consideráveis para os acionistas registadas na sequência de acidentes ambientais, controvérsias sociais, ou modelos corporativos pouco robustos). Não é também de menosprezar o papel importante dos reguladores, quer a nível nacional como supranacional (nomeadamente a UE), clientes, fornecedores, colaboradores e outros *stakeholders*, que têm pressionado igualmente as empresas para adotarem comportamentos mais éticos, sustentáveis e criadores de valor no longo-prazo para toda a sociedade.

Importante componente de muitas estratégias de investimento

Se no passado investimentos sustentáveis eram uma preocupação marginal, a incorporação de fatores qualitativos e quantitativos de natureza ambiental, social e de governo societário no processo de análise de empresas é, hoje, uma importante componente de muitas estratégias de investimento, sendo transversal à grande maioria das gestoras de ativos. As suas abordagens, no entanto, podem divergir significativamente. Para algumas gestoras, a incorporação desses fatores continua a ser assegurada por processos de filtragem, que liminarmente excluem empresas que não cumprem os critérios definidos. Outras, têm procurado identificar riscos e oportunidades emergentes de fatores ESG e determinar se uma empresa está a gerir apropriadamente os seus recursos ambientais, sociais e de governo societário, de acordo com o seu modelo de negócio sustentável.

Tem-se também assistido nos últimos anos ao lançamento de novos produtos e ao

Se no passado investimentos sustentáveis eram uma preocupação marginal, a incorporação de fatores qualitativos e quantitativos de natureza ambiental, social e de governo societário no processo de análise de empresas é, hoje, uma importante componente de muitas estratégias de investimento, sendo transversal à grande maioria das gestoras de ativos.

desenvolvimento de estratégias cada vez mais inovadoras cujo objetivo é identificar empresas que gerem com sucesso os riscos ESG e que, como tal, poderão beneficiar de oportunidades ESG no seu setor.

As questões ESG, particularmente ambientais e sociais, que podem ter um impacto material no desempenho financeiro de uma empresa, variam de setor para setor e até mesmo de empresa para empresa. Por exemplo, fatores ambientais como as emissões de CO2 ou o consumo de água são tipicamente significativos para empresas elétricas ou mineiras, mas relativamente imateriais para instituições financeiras. De uma forma geral, os fatores ambientais considerados materialmente relevantes incluem gestão de recursos naturais, prevenção de poluição, gestão e uso da água, eficiência energética e redução de emissões. Por seu lado, os fatores sociais pretendem essencialmente avaliar a gestão do capital humano e do talento (direitos humanos, desenvolvimento e bem-estar das pessoas; desenvolvimento do produto; e, em alguns casos, impacto nas comunidades locais) e a capacidade de manter vantagens competitivas (retenção do pessoal, saúde e segurança no trabalho, formação e educação, diversidade, gestão da cadeia de valor).

Por último, os fatores de *governance* procuram aferir a robustez do modelo societário, incluindo análises da estrutura acionista, independência dos membros dos órgãos societários, política de remunerações, direitos dos acionistas e transparência do modelo de reporte.

Os desafios do futuro

Apesar dos avanços significativos dos últimos anos, as métricas ESG estão ainda a dar “os seus primeiros passos” quando comparadas com as financeiras e, como tal, grandes desafios se colocam no FUTURO. O primeiro, e talvez o mais importante, será assegurar a divulgação de informação de qualidade, sendo essencial a disponibilização de informação objetiva e precisa, bem como fomentar o aumento da transparência e o melhoramento do reporte. O segundo, prende-se com a necessidade de uma maior sistematização e uniformização da informação, por forma a facilitar a comparabilidade, fator crítico na seleção de empresas. Por último, é essencial que seja definida uma classificação robusta que clarifique os investidores acerca do processo de abordagem a temas ESG, por forma a assegurar que a comunicação transmitida é fidedigna –



neste sentido, iniciativas como a criação de uma taxonomia e a revisão independente da informação são fundamentais. A importância dos fatores ESG deverá continuar a crescer no FUTURO, moldando definitivamente as estratégias de um número crescente de empresas. Ainda que muitas continuem a encarar esta nova abordagem como um mero exercício de *compliance* ou como uma ferramenta adicional de gestão de risco, para muitas outras empresas é vista como um elemento crítico e integrante da sua estratégia, permitindo-lhe obter vantagens competitivas e aceder a fontes de financiamento de longo prazo em condições mais favoráveis. Os reguladores, investidores e o público em geral vão continuar a exigir que as práticas corporativas estejam alinhadas com os princípios universais, tais como meio-ambiente limpo, direitos dos trabalhadores, boas práticas de modelo societário. Além disso, o nível de exigência e de escrutínio por parte dos diferentes *stakeholders*, será cada vez maior, o que deverá contribuir para

um maior rigor e sistematização no reporte e divulgação da informação.

First-mover advantages

Por último, mas igualmente importante, empresas que se antecipem à legislação de ESG e que desenvolvam estratégias de diferenciação baseadas em fatores ESG e de crescimento sustentável, deverão beneficiar de vantagens competitivas (“*first-mover advantages*”), resultando na capacidade de gerar retornos mais sustentáveis e criar uma maior notoriedade e uma melhor reputação no mercado. Serão percecionadas como empresas atrativas e, como tal, passarão a atrair o interesse de investidores de longo prazo. A criação de valor para os *stakeholders* no FUTURO passará necessariamente pela consideração de fatores ambientais, sociais e de governo societário como absolutamente críticos na vida das empresas.

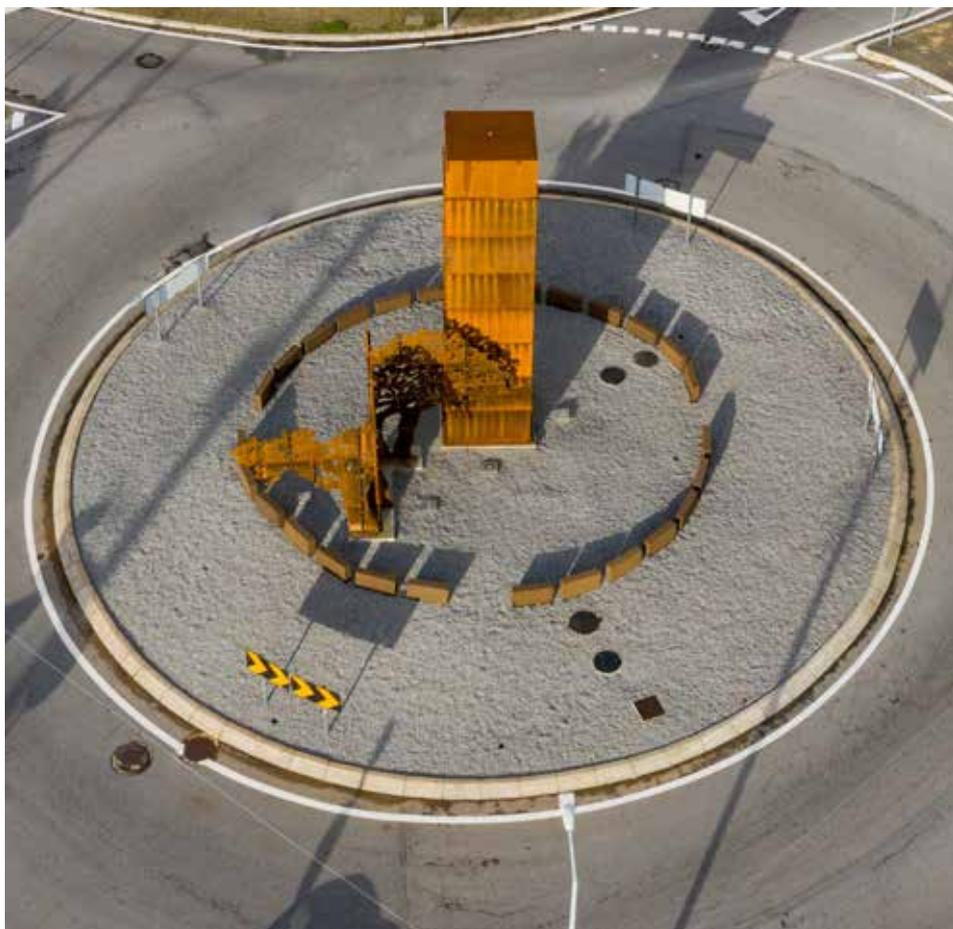
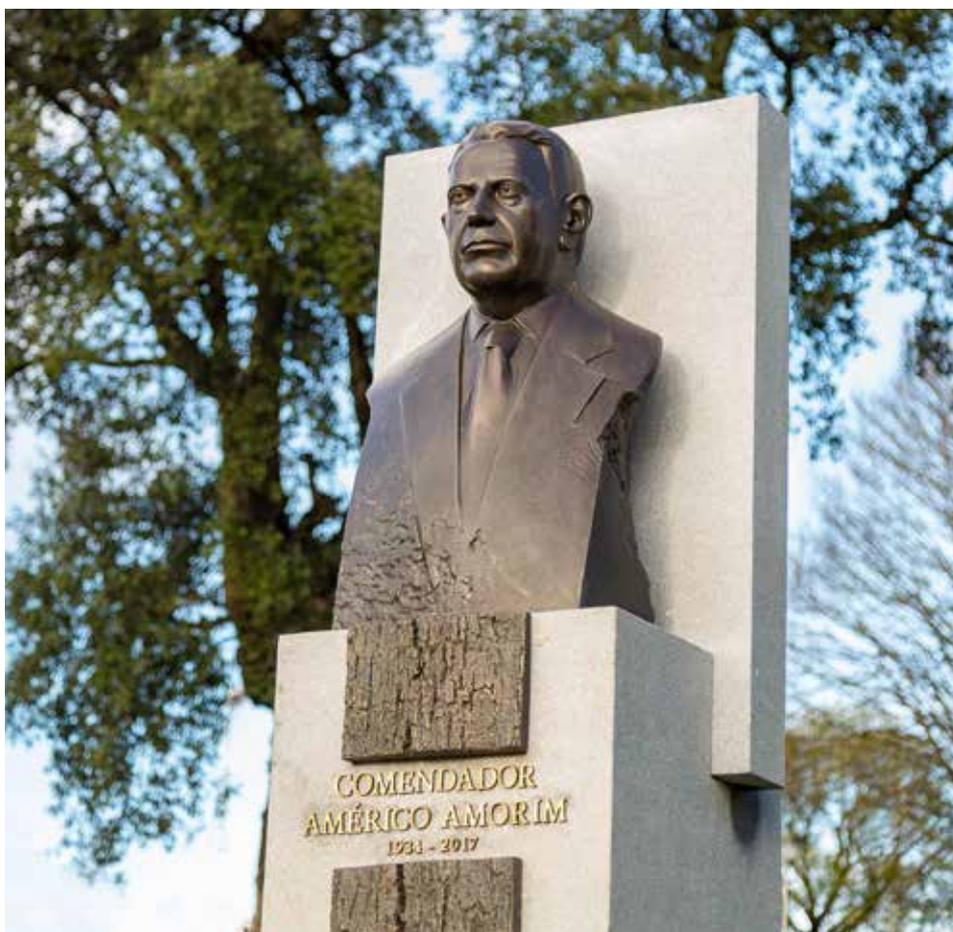
Cristina Rios de Amorim
Administradora

O futuro começa todos os dias

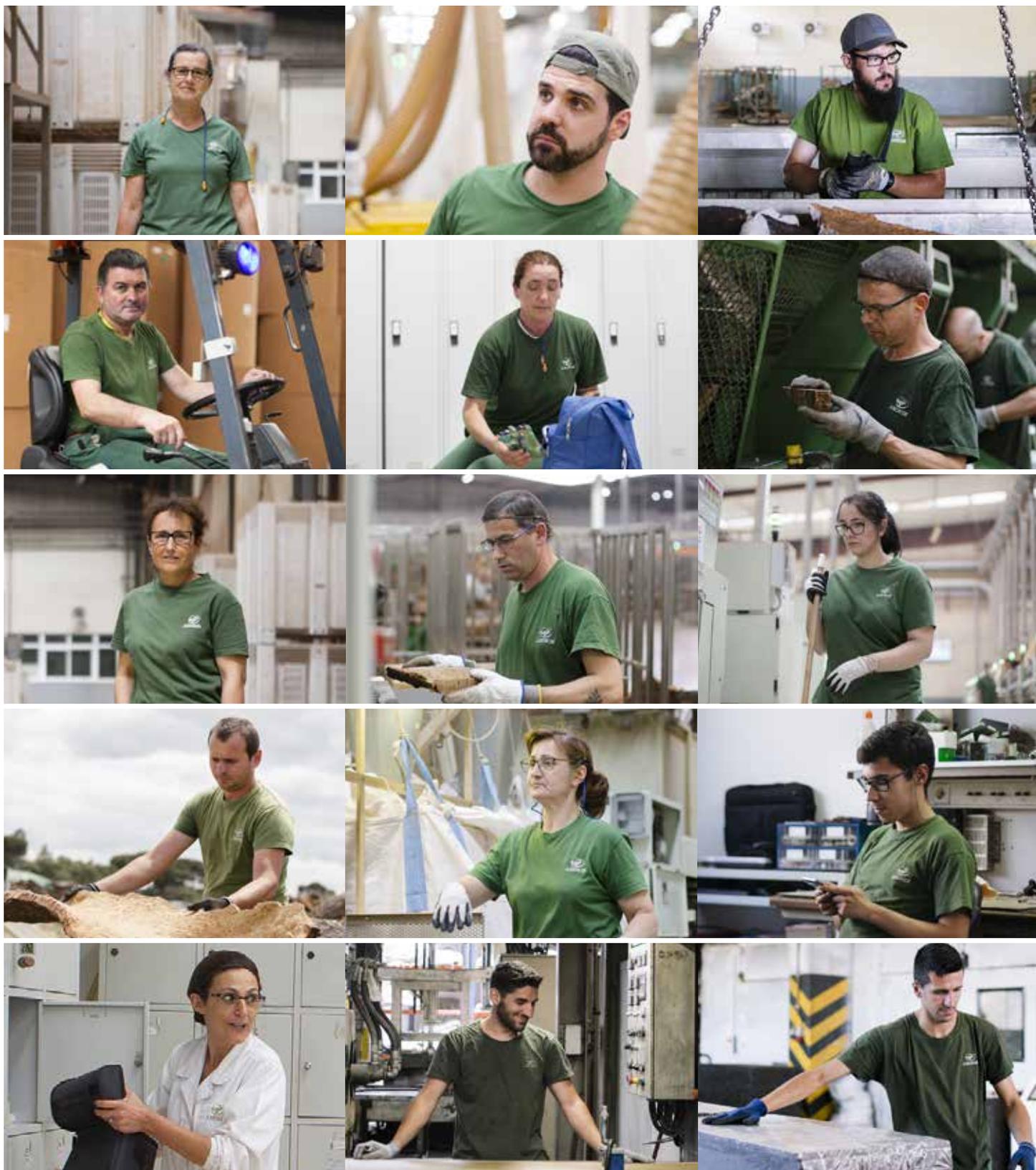
O Grupo Amorim prestou no passado mês de dezembro homenagem a Américo Amorim. Integrado nas celebrações do 150º aniversário do maior grupo de transformação de cortiça do mundo, o tributo incluiu a inauguração de uma escultura da autoria de Pedro Cabrita Reis, de uma rua com o nome Comendador Américo Ferreira Amorim e de um busto do empresário. As cerimónias contaram com a presença da família, de responsáveis do Grupo Amorim e de representantes de diversas autoridades locais.

O dia teve início, então com a inauguração de uma escultura da autoria de Pedro Cabrita Reis (rotunda da Rua de Meladas com a Avenida Albertina Ferreira de Amorim). Instalação, essa, que assenta no diálogo contínuo entre a harmonia da Natureza, representada por um ancestral sobreiro em aço, e a ação do Homem, representada por uma sólida coluna também em aço. O monumento é acompanhado por uma das icónicas frases de Américo Amorim: o futuro começa todos os dias. Seguiu-se a inauguração da Rua Comendador Américo Ferreira Amorim (antiga Rua de Meladas). Finalmente, fez-se a inauguração de um busto em bronze de Américo Amorim da autoria do escultor Artur Moreira junto à casa de família (Parque do Murado).

Nascido em Mozelos, concelho de Santa Maria da Feira, decorria o ano de 1934, Américo Amorim viria a tornar-se num dos maiores empresários portugueses de sempre. Apaixonado pela geografia, exímio cultivador de relações diplomáticas e detentor de um raro talento para os negócios, inicia aos 19 anos a transformação de uma herança de 2,5% de uma fábrica de rolhas fundada pelo avô em 1870, António Alves de Amorim, no maior grupo do setor da cortiça de que hoje é líder mundial. Um percurso que, encetado logo depois de terminado o Curso Geral do Comércio da Escola Académica, no Porto, ultrapassaria diversos condicionalismos industriais, várias crises económicas, diferentes regimes políticos, incontáveis barreiras territoriais e algumas revoluções dentro e fora de portas.



Traços de gente



AMORIM

Sustainable by nature